

COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida
(CAPO VERDE)

Gilda Santos
(URRJ - BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFPE-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)

Laura Cavalcante Padilha
(UFPE-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)

Luis Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Dina Mascarenhas

DIRETOR

Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gasto

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso - 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.
* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berra, 45 - 1067-001 LISBOA
Tel.: 21 782 35 67
E-mail: colouquiletras@gulbenkian.pt
www.colouquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berra, 45 - 1067-001 LISBOA
Tel.: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design

(a partir de uma obra de Lourdes Castro)

IMPRESSÃO Geoca Artes Gráficas

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em colouquio.gulbenkian/contactos/

SUMÁRIO

AGUSTINA BESSA-LUÍ

9 Um Inverno frio

CORRESPONDÊNCIAS

15 A correspondência na cultura portuguesa

Miguel Real

27 Correspondências e diários: aproximações e afinidades

Marcelo Duarte Mathias

33 Correspondências modernistas

Fernando Cabral Martins

39 A epistolografia negra do surrealismo

António Cândido Franco

50 correio@eletrónico: escrever cartas na rede

Manuel Portela

DOCUMENTOS

67 Ruben e Torga: fragmentos de um diálogo espistolar

Ana Maria Machado

85 Quatro cartas de Mário Cesariny a M. S. Lourenço

apresentadas por *António Cândido Franco*

CARTAS

99 *António Mega Ferreira*

Rita Taborda Duarte

103 *Nuno Júdice*

Julietta Monginho

109 *Alexandra Luícas Coelho*

111 *Afonso Reis Cabral*

ARTIGOS

117 *Eça de Queirós no Egipto e a abertura do Canal de Suez*

Teresa Pinto Coelho

127 *Canções à brasileira ou panorama sobre o lugar de Canções no Brasil*

Mathews de Brito

137 *Canções no modernismo paulista*

Marcia Arruda Franco

- 160 Entre literatura e revolução: a poesia experimental portuguesa
Daniela Côrtes Maduro
- 171 Rebojo, miopia e erro: o ofício enfrentado de Cristiano Moreira
Arthur de Vargas Giorgi
- NOTAS & COMENTÁRIOS
- 185 'Retábulo das Marcas' ou o mistério do ser
Catherine Dumas
- 191 Respiração assistida e aumentada
Joana Matos Frias
- 198 O coração pronto para o roubo
Paloma Koritz
- 203 A leitura com propriedades líquidas
Rita Tabor da Duarte
- RECENSÕES CRÍTICAS
- LITERATURA PORTUGUESA
- POESIA
- 215 Poesia, António Borto, ed. Eduardo Pitta
FERNANDO CABRAL MARTINS
- 217 Poesia I, Vitorino Nemésio, ed. Luiz Fagundes Duarte
MARIA DO CÉU FRAGA
- 220 *Obra Poética*, José Enes
ROSA MARIA GOULART
- 223 *Via Analítica*, Fernando Echevarria
MARIA JOÃO REYNAUD
- 225 *A Pessoa Indicada*, José Viacé Mouninho
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS
- 229 *Publicação da Mortalidade*, Valter Hugo Mãe
CARLOS NOGUEIRA
- 231 *A Rose Is a Rose Is a Rose et cetera*, João Rasteiro
FERNANDO DE CASTRO BRANCO
- 234 *A Gun in the Garland*, Madalena de Castro Campos
PEDRO EIRAS
- FIÇÃO
- 236 *O Todo ou o Seu Nada*, Amadeu Lopes Sabino
LUIZ SALGADO DE MATOS
- 239 *Atrás da Porta e Outras Histórias*, Teolinda Gersão
TERESA MARTINS MARQUES
- 242 *Uma Lágrima Que Cega*, Casimiro de Brito
MANUEL FRIAS MARTINS
- 245 *Os Três Seios de Novêlia seguido de Manual do Silva Ramos*,
Manuel da Silva Ramos
- 249 *Eliete*, Dulce Maria Cardoso
LUIZA MELLID-FRANCO
- 253 *O Fogo Será a Tua Casa*, Nuno Camarneiro
CRISTINA COSTA VIEIRA
- 256 *Parém Todos os Relógios*, Nuno Amado
ALVARO MANUEL MACHADO
- 258 *Pão de Açúcar*, Afonso Reis Cabral
PAULO SERRA
- EDIÇÃO CRÍTICA
- 260 *Fausto*, Fernando Pessoa, ed. Carlos Piratella
JOÃO BARRETO
- VÁRIA
- 263 *A Mesa Está Posta*, Jorge Silva Melo
MARIANA MAURÍCIO
- LITERATURA INFANTO-JUVENIL
- 267 *As Fadas*, Antero de Quental
RITA TABORDA DUARTE
- ENSAIO
- 270 *Caos e Ritmo*, José Gil
SUSANA VIEGAS
- 272 *Do Caos Redutivo*, Luiz Fagundes Duarte
PEDRO SEPÚLVEDA
- 275 *Oblíquua_Mente*, Isabel Allegro de Magalhães
ISABEL HUB FARIA
- 277 *Do Que não Existe*, Annabela Rita
ISABEL PONCE DE LEÃO
- 280 *Voltar a Ler*, António Carlos Cortez
ANA MARQUES GASTÃO
- 282 *Portugal/Brasil/Palop*, org. Cristina Costa Vieira,
José Henrique Manso e Ana Rita Carrilho
ROBERTO ACIZELO DE SOUZA
- LITERATURA BRASILEIRA
- ENSAIO
- 284 *O Corpo Descoberto. Contos Eróticos Brasileiros (1852-1922)*,
org. Eliane Robert Moraes
MARIA ESTHER MACIEL

de tratamento deste tema genológico — tão central para tratar a heteronímia enquanto questão poética — em relação ao que se lê na «Tábua Bibliográfica» de 1928, publicada na *presença*: «As obras destes três poetas formam, como se disse, um conjunto dramático [...]. É um drama em gente, em vez de em actos.»¹¹ Deste razoável e atendível «drama em gente» de um artigo de revista passa-se, três anos mais tarde, no espaço reservado de uma carta, para um singular «voo outro», o que altera toda a estabilidade do esquema apresentado na «Tábua» de 1928. Na verdade, a frase «Voo outro» implica que não haja diferença entre obras ortónimas e heterónimas, pois na sua literatura coincidem sempre «a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo». Mas tal frase só poderia ter lugar numa carta entre um poeta e um crítico — que retirasse dessa presunção de transparência todo o poder afirmativo.

NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia.]

- 1 Jerome J. McGann, «The Text, the Poem and the Problem of Historical Method» [1981], in *Modern Literary Theory: A Reader*, ed. Philip Rice e Patricia Waugh, 4.ª ed., Londres, Arnold, 2001, p. 302.
- 2 José de Almada Negreiros, *Manifestos*, ed. Fernando Cabral Martins, Mariana Pinto dos Santos, Luis Manuel Gaspar e Sara Afonso Ferreira, Lisboa, Assírio & Alvim, 2016, p. 34.
- 3 *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*, ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, p. 33-34.
- 4 Fernando Pessoa, *Sensacionismo e Outros Ismos*, ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, p. 108.
- 5 Idem, *Sobre Orpheu e o Sensacionismo*, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2015, p. 127.
- 6 Mário de Sá-Carneiro, *Verso e Prosa*, ed. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010.
- 7 Fernando Pessoa, *Crítica*, ed. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, p. 520.
- 8 Idem, *Teoria da Heteronímia*, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2012, p. 138.
- 9 *Ibid.*, p. 235.
- 10 *Ibid.*, p. 253.
- 11 Fernando Pessoa, *Crítica*, ed. cit., p. 405.

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

UMA DAS FONTES míticas do surrealismo é um livro de cartas — as quinze cartas que Jacques Yaché (1895-1919) escreveu da frente de combate a André Breton, Théodore Fraenkel e Louis Aragon e que o primeiro, o mais devotado à memória do amigo, publicou em livro logo a seguir à sua morte com título por si escolhido *Lettres de guerre* (1919). Só a prática da escrita automática pode disputar primazia a esta raiz no imaginário original do surrealismo e até ela, por muito significativa, não deixa de estabelecer um vaso de secreta ligação com as cartas de Yaché, já que o momento da descoberta desse tipo de escrita coincidiu com a época em que Breton organizava a edição das cartas do amigo — que constituem hoje toda a sua obra conhecida.

Após este episódio fundador a carta não mais perdeu junto do surrealismo uma aura de prestígio. Nos momentos iniciais do movimento encontramo-la como um dos seus principais instrumentos de afirmação. No que tinha de apelo, de demarcação e de acusação, a carta ajudou muito o surrealismo a impor e a singularizar a espontaneidade da sua linguagem verbal num meio marcado pela ordem dos modelos neoclássicos, fruto da evolução do modernismo esteticista. As invectivas ferozes em forma de carta que Antonin Artaud deu a ler na revista *La Révolution surréaliste* (n.º 3, Abril, 1925), dirigidas aos Rectors das universidades europeias, ao Papa, ao Dalai Lama, às Escolas de Buda e aos Médicos-chefes dos Hospitais psiquiátricos, têm talvez para o parto do surrealismo um valor igual, se não superior, ao que André Breton lhe dera um pouco antes com o *primeiro manifesto* (Outono, 1924).

Bastam as cartas de Yaché e de Artaud — e este no final da vida voltou a publicar um epistolário, *Lettres de Rodez* (1946) — para se perceber o valor da missiva no surrealismo. Mais do que um documento privado, ela é aí tratada como uma forma que permite a afirmação pública dum programa — o que de resto não é novidade mas ganha então uma amplitude nova à luz dum a prática de escrita que se queria libertar dos constrangimentos morais, das

regras sociais e de quaisquer convenções estéticas. Num país que tinha uma Madame de Sévigné, a carta ganha no surrealismo um valor poético, embora no quadro dum grupo que abominava a *literatura*, desconsiderava em absoluto os géneros literários e se entretinha a provocar estragos no sistema literário por meio duma guerrilha violenta e sem tréguas. A carta foi porventura a sua principal arma de arremesso. Daí a designação de epistolografia *negra* — no sentido de insolente, de provocativa, mas também de terrível. A troca de cartas no surrealismo tem algo de assustador, de *gótico*, que a coloca num plano único de anomalia e inverosimilhança. As missivas veementes e cominatórias que Artaud escreveu em 1925 são um bom exemplo desta desordem anticlássica da carta surrealista.

Se o *humor negro*, expressão criada por André Breton já em momento avançado da sua pesquisa (1940), designa um tipo de brincadeira que radicaliza de forma tentacular a ironia, explorando de forma inusitada o macabro e o repulsivo e superando desse modo as imposições do super-ego, a epistolografia praticada pelo surrealismo subverte os códigos morais e estéticos da carta literária habitual, ganhando efeito explosivo, ao mesmo tempo que admite e facilita a deslocação da escrita para níveis psíquicos insinuivos, libertos da contraturalização de superfície — é o que sucede nas admiráveis peças de Vaché — e que são a tradução directa do processo que o surrealismo moveu ao racionalismo humanista do seu tempo. Se o humor negro funciona como um escudo do ego ante as investidas normalizadoras do super-ego, a carta surrealista é uma arma de ataque do eu subliminal, uma bomba destinada a estilhaçar as convenções. Como exemplo leia-se a carta aberta a Paul Claudel assinada pelo grupo e tornada pública num banquete oferecido a Saint-Pol-Roux (Julho, 1925), que deu lugar a uma feroz batalha campal, com os jornais dos dias seguintes a exigirem medidas energias — incluindo a expulsão do país — contra os surrealistas.

Nada impede porém a existência duma epistolografia muito mais anódina e ordenada no seio do surrealismo. O caso de André Breton é significativo. No seu testamento ficou cláusula interditando a edição da sua correspondência por um prazo de 50 anos após a sua morte (1966). Com a excepção das cartas à filha, *Letras à Aube* (1938-1966), que foram publicadas em 2009, esses conjuntos começaram a surgir em 2016, *Letras à Simone Khan 1920-1960* e *Letras à Jacques Doucet 1920-1926*, e prosseguiram no ano seguinte com a edição de *Correspondance avec Tristan Tzara et Francis Picabia 1919-1924* e *Correspondance 1920-1959* de André Breton/Benjamin Péret. Em todos eles encontramos um Breton íntimo, confessional, escrevendo missivas privadas,

Inverno de 1927) com Léona Delcourt (Nadja) e a decorrente pressão no seu casamento com Simone Khan Breton. Mesmo a troca com Tzara ou Picabia, onde se esperaria muito maior turbulência, é pacífica e quase só atenta ao fluxo do dia-a-dia. O mesmo para a correspondência com Péret que tem elementos cruciais para a compreensão do período inicial da guerra civil em Espanha, da fase nova-iorquina e dos bastidores da revista *VVV* (1942-44).

O caso português é distinto e mais complexo, antes de mais pela situação política do país no momento em que nele surgiu o surrealismo, bem diferente daquela que a França vivia no rescaldo eufórico do primeiro conflito mundial. Na segunda metade da década de 40 o autoritarismo de Salazar, mesmo depois da derrota das potências do Eixo, não abriu mão da apertada censura oficial à imprensa diária e ao livro. Isso impediu à partida que o surrealismo português pudesse ter uma publicação própria ou viesse para os jornais publicar textos com a mesma carga polémica injuriosa que caracterizou o surrealismo francês nos anos do surgimento. Quando tentou algo de semelhante viu-se de imediato impedido, e não apenas pelos coroneis da censura, último crivo duma demorada cadeia, senão pelas redacções dos jornais da oposição que mostraram sempre pouco interesse nas declarações e nas atitudes dos surrealistas portugueses. Nada sobrou por exemplo dum texto de António Maria Lisboa enviado à revista *Serra Nova*, ao que tudo indica sob forma de carta, a não ser a sua notícia. Trata-se de «Esclarecimento a Um Crítico», que respondia de forma severa às notas sobre surrealismo que Jorge de Sena começara a dar a lume na revista (2/4, 4/6 e 2/7/1949) e cuja publicação foi recusada pela redacção, acabando por se perder para sempre com a destruição do espólio de Lisboa depois da sua morte em Novembro de 1953. Tudo o que dele sobrou foi a notícia que Mário Cesariny deu na colectânea *A Intervenção Surrealista* (1966).

Embora sem o ónus da perda, algo de parecido se passou com três cartas abertas que no Verão de 1950 António Maria Lisboa, Luiz Pacheco e Mário Cesariny projectaram escrever a figuras então eminentes do meio literário português — Casais Monteiro, José Gomes Ferreira e Gaspar Simões. Chamaram ao projecto «Duas Gerações, Três Cartas» (Pacheco, 2008: 208). A primeira, a de Lisboa, teve como pretexto uma entrevista de Casais Monteiro ao jornal *Diário Popular* (30/8/1950) e foi dirigida a Pacheco, que a dactilografou no Palácio Foz, onde era funcionário da Inspeção-Geral dos Espectáculos. Com ou sem cortes, a missiva nunca apareceu no jornal, na redacção do qual Lisboa a entregou para surgir como resposta às declarações de Casais. Foram precisos 16 anos para ela enfim ser dada em letra redonda no livro *A Intervenção Surrealista*, com o título «Carta aberta ao Sr. Dr. Adolfo Casais Monteiro». O texto não se perdeu porque Pacheco no momento em que dactilografava

Também a carta de Luiz Pacheco a José Gomes Ferreira teve um destino semelhante. Pensada no Verão de 1950, a sua realização foi adiada pelos sucessivos actos editoriais em que Pacheco se envolveu a partir de 1951. Acabou por ser concretizada apenas no Verão de 53, depois do regresso do poeta de *Ossético* a Lisboa, onde morreria pouco depois. Não se conhece o original — não está no espólio de José Gomes Ferreira na Biblioteca Nacional de Portugal — mas sabe-se que seguiu por correio registado, com aviso de recepção, para o autor de «Panfleto contra a Paisagem», então a viver na Rua de Entrecampos. Era impensável publicá-la na imprensa e por isso o autor optou por esta forma privada mas segura de divulgação. Anos depois Cesariny pediu-a a Pacheco para uma colecção semiclandestina, «A Antologia em 1958», que tirava cadernos de duas, três centenas de exemplares, não ia à censura nem às livrarias e era distribuída de forma directa num círculo escolhido. A carta surgiu impressa ao fim de seis anos, *Carta Sincera a José Gomes Ferreira — com uma Nota do Autor por causa da Província* (1959). Receditada depois em *Crítica de Circunstância* (1966), o livro foi de imediato apreendido pela polícia política — menos pela carta, é certo, que pelo postácio. Só após a revolução de 74 voltou a circular (*Textos de Circunstância*, 1977).

Em relação à carta que Cesariny devia escrever a Gaspar Simões pouco se sabe. No espólio de Luis Amaro da Biblioteca Nacional de Portugal existe documento dactilografado com 8 pp. chamado «Carta-Manifesto a propósito de dois artigos de João Gaspar Simões sobre *Sete Poemas de Solenidade e Um Requiem* de Carlos Eurico da Costa» — datado de 26/6/1952 e assinado por Mário Cesariny de Vasconcelos, Artur Cruzeiro Seixas, Carlos Eurico da Costa e Henrique Risques Pereira —, que tudo leva a crer ser redigido por Cesariny e que pode ter sido o desenvolvimento que este deu ao projecto inicial. A «carta-manifesto» nunca foi publicada — nem nos jornais onde Simões recensou os poemas de Carlos Eurico (*Diário Popular*, 25/6/1952, e *Diário do Norte*, 26/6/1952) nem nas posteriores colectâneas que Cesariny organizou.

Destino próximo teve a carta que Ernesto Sampaio escreveu ao director do *Diário Popular*, no dia seguinte a uma crítica de João Palma-Ferreira no jornal (16/4/1959). Contestando as afirmações deste crítico sobre o seu livro *Luz Central* (1958), a carta foi recusada e só viu a luz mais de um ano depois na revista *Pirâmide* (Junho, 1959), com a nota «A publicação desta carta foi recusada pelo *Diário Popular*». Ao invés das cartas anteriores de Lisboa e Pacheco, ambas longas, trata-se dum carta muito breve que não tiraria espaço ao jornal, caso tivesse sido publicada. Não foi o espaço que impediu a sua saída, como não terá sido ele, por grande que fosse, que obstruiu a publicação das de Lisboa

de acordo com esse sistema, no supracitado artigo, que renova o despique entre a cidade e as serras, o Sr. Palma-Ferreira oferece dinheiro a quem encontrar no meu livro coisas que o Sr. Afonso Cautela garante que lá estão. / Viva o Torrence, Sr. Director. / Agradecendo-lhe a publicação desta carta, pedia-lhe o favor de dizer ao Sr. João Ferreira que não seja tirânica. Por intermédio do seu jornal, desejava também pedir aos restantes trabalhadores de Arte portuguesa que trabalhem mais a fim de ter juízo e deixarem de ser artolas.»

Uma parte da linguagem da carta aberta de Lisboa a Casais não anda longe desta sobrançeria displicente. O timbre da carta de Luiz Pacheco é distinto, já que se trata dum verdadeiro exercício crítico e judicativo da evolução da obra de José Gomes Ferreira. Não deixa porém de ter afinidades com Lisboa e Sampaio na forma irreverente e maliciosa com que destrói a unanimidade em torno dum obra.

O destino destas e doutras cartas, ambas privadas de edição no momento da sua escrita, é revelador das dificuldades com que uma epistolografia rebelde e corrosiva se debatia no Portugal da época. Preferiu-se assim a carta privada, que não se destinava a ser divulgada na imprensa, mas na qual era possível manter a ideia dum movimento activo que tomava posição coesa e disparava em muitas direcções. Este tipo de carta tinha ainda a vantagem, num país de censura férrea, de permitir a ilusão dum quase total liberdade de expressão, já que para jovens pouco marcados pela polícia política a correspondência mantinha-se inviolável. Foi através de cartas que O'Neill, Cesariny, António Domingues e João Moniz Pereira criaram o núcleo de arranque do Grupo Surrealista de Lisboa no Verão de 1947. Foi ainda por meio dum carta que Cesariny manifestou o seu desagrado dentro do grupo a O'Neill e a Domingues e foi por uma outra carta (a António Pedro, 8/8/1948) que com ele cortou, iniciando a aventura dum grupo dissidente com António Maria Lisboa e outros. Caso as condições em 48 não fossem tão rigorosas, é possível que as duas últimas missivas, ou aspectos delas, tivessem tido divulgação na imprensa. Mas como passar, já não na censura, mas até nas redacções, a crueza deste parágrafo: «A grande *desistência* de um estado de *revolta* contra o meio pulverizado que nos rodeia.» Assim houve que esperar mais de um quarto de século até que o autor as desse a conhecer em *Contribuição ao Registo de Nascimento, Existência e Extinção do Grupo Surrealista de Lisboa* (1974), opúsculo de 300 exemplares, não submetido à censura e distribuído fora do circuito livreiro. Só depois da revolução, circularam sem entraves em livro (Cesariny, 1985: 285-314).

Outro caso de cartas privadas com forte dimensão pública está na troca entre Pedro Oom e João Palma-Ferreira, a propósito dos artigos deste no *Diário Popular* em que mais tirava a liberdade de expressão do que a

Mário Cesariny e ao quarto fascículo de *Folhas de Poesia*, da responsabilidade de António Salvado. Om resistiu à tentação de escrever uma carta aberta ao autor das críticas, ou em vez disso uma carta ao director, preferindo o meio que Pacheco usara com Gomes Ferreira — o envio directo por correio para o autor. Estava certo da sua não publicação no jornal para assim proceder. A frase de abertura — «Não tenho o gosto de o conhecer pessoalmente, nem sei, tão-pouco, se teria qualquer prazer nisso» — bastava para não manter ilusões sobre a sua aceitação. Palma-Ferreira respondeu-lhe no mesmo dia em que recebeu a missiva (14/9/59) e Om replicou de seguida (17/9/59), fechando a contenda. Cesariny mais tarde pediu ao velho amigo o conjunto para com ele fazer mais um opúsculo na colecção «A Antologia em 1958». Surgiu desse modo o caderno *Uma Carta para Palma Ferreira* (1960), reproduzido depois na antologia *A Intervenção Surrealista*. Com aspectos relevantes para a historiografia surrealista em Portugal — as cartas versam a polémica edição feita por Luiz Pacheco do manifesto colectivo *A Afixação Proibida* (1953) —, aquilo que nelas mais interessa é a altivez disfemística, a meu ver a característica marcante da epistolografia negra do surrealismo português.

Um ponto ainda sobre a crítica de Palma-Ferreira a *Nobilíssima Visão*. A crítica surgiu no início de Agosto e o autor do livro não tardou a escrever ao crítico (14/8/1959). Fê-lo a propósito do mesmo ponto que motivou um mês depois a carta de Om — a edição feita por Luiz Pacheco do manifesto *A Afixação Proibida* e que fora desde o início fonte de conflitos. Cesariny e Om haviam participado na sua redacção (Primavera, 1949) e estavam por isso posicionados para esclarecer o caso. Cesariny optou também por uma carta privada, directamente enviada ao crítico, mas com a ressalva deste a poder publicar «se assim entender». A carta só surgiu sete anos depois n' *A Intervenção Surrealista* e constitui uma chave para se perceber o momento estratégico de viragem em que a edição da obra de Cesariny se encontrava com a saída dum primeiro título, *Nobilíssima Visão*, numa casa comercial, a Guimarães Editores.

Só em casos excepcionais as cartas públicas do surrealismo foram aceites para publicação imediata na imprensa portuguesa da época. O caso mais assinalável parece-me a carta que António Pedro escreveu ao *Diário de Lisboa* (6/5/1949) a desvincular-se a si e ao Grupo Surrealista de Lisboa do debate promovido nessa mesma noite pelo Jardim Universitário de Belas-Artes sobre surrealismo. Foi a primeira apresentação pública do grupo dissidente e foi nessa sessão que António Maria Lisboa leu pela primeira vez o manifesto *A Afixação Proibida*, que seria depois motivo de disputa no momento da sua edição na chancela Contranonto de Luiz Pacheco. Foi lá há ainda o texto

o subscritor tinha com o seu director — o escritor Joaquim Manso. Na peça introdutória, António Pedro é dado como *escritor e artista*, o que põe à mostra o estatuto confortável de que gozava, sem termo de comparação com o de Cesariny; Lisboa e Om — desconhecidos ou mesmo depreciados.

Como quer que seja, a publicação da carta de Pedro abriu caminho para que o grupo dissidente pudesse dar resposta no jornal às suas afirmações, o que veio a acontecer a 9 de Junho com uma breve declaração do grupo em que Pedro é tratado por «Pintor de Arte» — único disfemismo que puderam passar e que contrasta com os epítetos com que o castigavam em privado. O'Neill por exemplo em carta do Verão de 1947 chama-lhe «mula velha» (v. *Contribuição ao Registo de Nascimento, Existência e Extinção do Grupo Surrealista de Lisboa*, 1974).

Depois da revolução de 1974 a situação alterou-se e foi possível trazer a público algumas missivas que no contexto anterior nunca teriam passado o lápis azul da censura ou mesmo o estreito crivo das redacções e das chefias dos jornais. Lembre-se a carta que Cesariny dirigiu ao *Diário de Notícias* (15/5/1974), impugnando acções da Associação Portuguesa de Escritores. Numa hipótese humorada, chega a prometer a José Saramago, um dos escritores que mais se implicou então na APE, «a aplicação dum boa sova assim que o vir». Outra peça notável da verve negra do surrealismo está na carta que o mesmo Cesariny endereçou ao director do *JL* — *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (11/10/1983), a propósito da mostra surrealista que a Universidade de Montreal (Canadá) então promovia e que tem por ponto forte «a universalidade continua mal cheirosa» — expressão com que o jornal intitulou a carta.

O momento alto da epistolografia surrealista em Portugal está porém nessa obra de excepção que é *Pacheco versus Cesariny* (1974), livro quase todo constituído por cartas e montado segundo os processos do *cinéma vérité*. O volume começou a ser pensado no início da segunda metade da década de 60 como resposta à colectânea *A Intervenção Surrealista*. Pacheco criticou a selecção que aí surgiu e acusou o compilador de sonegar à historiografia surrealista documentos decisivos. Concebeu então um livro sem selecção, que fosse uma fátia ineludível de verdade e traduzisse sem exclusões nem censuras a realidade. Partindo da ideia de que a carta privada era a forma mais livre de expressão sob um regime ditatorial, e a que melhor traduzia sem limitações estéticas o real quotidiano, idealizou então um conjunto cujo núcleo forte fosse constituído por cartas subscritas pelos participantes do movimento. O seu espólio era à época muito pobre, já que acabara de perder a correspondência postal trocada desde o final da década de 40 com autores e ilustradores da

a grande maioria das 90 peças publicadas diz tão-só respeito aos anos 1965 e 1966. As cartas só ficaram disponíveis porque em 1967 o seu proprietário então a viver uma crise de alcoolismo as entregou à salvaguarda de Laureano Barros, um bibliófilo e benemérito que no início da década de 70 o disponibilizou para a construção do livro — dedicado por isso «Ao Dr. Laureano Barros».

Não obstante ser fruto apenas dum reduzido conjunto, o volume é o único que disputa primazia às colecções documentais organizadas por Cesariny. Toca dois anos cruciais — 1965 e 1966. O primeiro é o ano da instalação de Cesariny em Londres, da chegada de Pacheco às Caldas da Rainha, das colaborações no *Jornal de Letras e Artes* de Azevedo Martins e Bruno da Ponte, do regresso de Cruzeiro Seixas a Lisboa, da publicação por Vítor Silva Tavares (Ulisseia) do livro *A Cidade Queimada*, poema de Cesariny ilustrado por Seixas que refracta a prisão do autor no Outono de 1964 em Fresnes. É ainda o ano em que o grupo pensa publicar uma revista, *Abyjeção*, e que Natália Correia dá a lume numa editora acabada de nascer, a Afroditte de Fernando Ribeiro de Mello, a *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, logo aprendida pela policia e processada em justiça — Pacheco e Cesariny são dois dos arguidos. O ano seguinte é o da edição de *Crítica de Circunstância* de Luiz Pacheco por Vítor Silva Tavares, que publica ainda no Verão *A Interferência Surrealista*, e o do aparecimento na editora Afroditte da tradução (prefaciada por Luiz Pacheco) d' *A Filosofia na Alcora*, de Sade, aprendida e processada, o que levou o grupo a desistir da revista *Abyjeção* que teria Sade na capa da estrea. É ainda o ano em que Pacheco escreve e faz circular *Comunicado ou Interferência da Província*, folheto consagrado à *cidade queimada* e que se tornou motivo de zanga irremissível entre crítico e criticado após 20 anos de convívio. Todos estes pontos estão presentes no livro *Pacheco versus Cesariny* através do discurso directo dos intervenientes (Cesariny, Pacheco, Cruzeiro Seixas, Manuel de Lima, Vítor Silva Tavares, António José Forte, Bruno da Ponte, Virgílio Martinho e Ricarte-Dácio de Sousa), captado no momento do seu acontecer através das cartas trocadas.

Cesariny deu resposta ao livro, organizando com os mesmos pressupostos a sua própria colectânea, *Jornal do Gato* (1974), a partir dos seus arquivos. Num conjunto de dez peças, nove são cartas, sendo cinco de Pacheco a Cesariny. Três delas são de 1965 e por isso da maior importância para reconstituir a história que Pacheco quis dar a conhecer. Há ainda uma carta de Cesariny a Pacheco, de Abril ou Maio de 1966, e que foi a derradeira que os dois trocaram. Assinale-se por fim o momento desviante, uma carta inventada de Pacheco a Vítor Silva Tavares, documento forjado e apócrifo que, com a mimetização duma voz num monótono verosímil, embora dissémiro, dá ao livro um valor

Desde 2008 têm vindo a público epistolários de Mário Cesariny — para Maria Helena Vieira da Silva, a Casa de Pascoaes, Cruzeiro Seixas, Alberto de Lacerda, Frida e Laurens Vancrevel — que, sem perderem aqui e ali o ponto negro do disfenismo surrealista, mostram um humor menos corrosivo e incómodo, muito mais leve do que aquele que atravessa a missiva com propósito público. Estas cartas foram escritas longe de quaisquer intenções de publicação e têm por isso uma reserva, um valor íntimo, que se mostra útil para elucidar nós biográficos e questões que afectam os bastidores do surrealismo em Portugal, traseiras escondidas, mal conhecidas e sombrias, mas fundamentais para compreender a encenação que passou no palco.

[O Autor segue a antiga ortografia.]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. EPISTOLÁRIOS

- CESARINY, Mário, *Contribuição ao Registo de Nascimento, Existência e Extinção do Grupo Surrealista de Lisboa* [1974], *As Mãos na Água a Cabeça no Mar*, 2.^a ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 1985.
- , *Cartas para a Casa de Pascoaes*, ed. António Cândido Franco, Lisboa/Famalicão, Documental/Fundação Cupertino de Miranda, 2012.
- , *Cartas de Mário Cesariny para Cruzeiro Seixas, 1941-1975*, ed. Perfecto E. Cuadrado, António Gonçalves e Cristina Guerra, Lisboa/Famalicão, Documental/Fundação Cupertino de Miranda, 2014.
- , *Um Sol Esplendente nas Coisas — Cartas de Mário Cesariny para Alberto de Lacerda*, ed. Luís Amorim de Sousa, Lisboa/Famalicão, Documental/Fundação Cupertino de Miranda, 2015.
- , *Um Rio à Beira do Rio — Cartas para Frida e Laurens Vancrevel*, ed. Maria Erelvina Santos e Perfecto E. Cuadrado, posf. Laurens Vancrevel, Lisboa/Famalicão, Documental/Fundação Cupertino de Miranda, 2017.
- , *Gatos Comunicantes — Correspondência entre Vieira da Silva e Mário Cesariny (1952-1985)*, apres. José Manuel dos Santos, ed. Sandra Santos e António Soares, Lisboa, Assírio & Alvim/Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, 2008; 2.^a ed., Lisboa/Famalicão, Documental/Fundação Cupertino de Miranda, 2018.
- Edições Esquentamento — Coleção Blenorragia*, n.º 1 [dactilografado; caderno policopiado, 8 pp.; cartas de Pedro Oom do Vale (21/3/1968) e Vítor Silva Tavares (7/11/1974; 22/11/1974) para Cesariny e dese para Vítor Silva Tavares (11/11/1974; 23/11/1974)], Lisboa, 1980.
- Jornal do Gato — Contribuição ao saneamento do livro Pacheco versus Cesariny editado tirada da*

PACHECO, Luiz, *Carta Sincera a José Gomes Ferreira com uma Nota do Autor por causa da Província*, Lisboa, A Antologia em 1958, 1959; 2.ª ed. *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, 1966; 3.ª ed., *Textos de Circunstância Circunstância seguido de A Pide nunca Existiu*, Amadora, Fronteira, 1977.

Pacheco versus Cesariy: Folheto de Feição Epistolográfica, org. Luiz Pacheco, Lisboa, Editorial Estampa, 1974.

2. OUTROS

CESARINY, Mário, *A Intervenção Surrealista*, Lisboa, Ulisseia, 1966; 2.ª ed., Assírio & Alvim, 1997.

GEORGE, João Pedro (org. e introd.), *O Crocodilo Que Voa: Entrevistas a Luiz Pacheco*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008.

LISBOA, António Maria, *Poesia de António Maria Lisboa*, ed. Mário Cesariy, Lisboa, Assírio & Alvim, 1977.

MARINHO, Maria de Fátima, *O Surrealismo em Portugal e a Obra de Mário Cesariy de Vasconcelos* [anexo com epistolografia inédita de Pedro Oom (1949; 1968) e Mário-Henrique Leiria (1949-1950; 1970-1973), textos colectivos inéditos (cadáveres esquisitos e diálogos automáticos) e individuais inéditos de António Pedro, Mário-Henrique Leiria, Pedro Oom, Cruzeiro Seixas e Alfredo Margarido], tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1986; 2.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

Três Cartas (Inéditas) para André Breton, Lame de Grandes Mistérios, enviadas por Mário Cesariy & Cândido Costa Pinto, ed. António Cândido Franco, Évora, Licorne, 2015.

3. EPISTOLOGRAFIA DISPERSA DE MÁRIO CESARINY

para jornal *Diário de Notícias* [«Conterada pelo poeta Mário Cesariy a posição da Associação Portuguesa de Escritores»], *Diário de Notícias*, Lisboa, 15/5/1974.

para revista *Semana*, *Aos directores da revista da revista Semana ou a que se pretende* — Abril 1979, Lisboa, Abril 1979, 5 pp. + capa.

para jornal *JL* [«A universidade continua mal cheirosa»], *JL* — *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 11/10/1983.

para jornal *Público* [«Este governo já acabou»; a propósito de Foz Côa], *Público*, Lisboa, 21/10/1995.

para Manuel Hermínio Monteiro [s.d. (Inverno de 2001); sobre a prisão em Fresnes], *A Phala*, boletim da Assírio & Alvim, Lisboa, n.º 84, Março, 2001.

para Perfecto E. Chadrado [três cartas: 15/6/1990, 6/3/1991 e s.d.], *JL* — *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 20/12/2006.

para Fernando Lopes-Graça [três cartas; s.d. (Primavera de 1948?); s.d. (1946); 22/1/1960], *JL* — *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 3/1/2007.

para Ana Maria Pereirinha [14/12/1989], ed. Ana Maria Pereirinha, *Delphica* — *Letras & Artes*, Braga, n.º 2, 2014.

para Sérgio Lima [5/7/1967], *A Ideia: Revista de Cultura Libertária*, Évora, n.º 75/76, 2015.

para Virgílio Martinho [Sesimbra, 21/10/1963], ed. António Cândido Franco, *A Ideia: Revista de*

4. EPISTOLOGRAFIA INÉDITA DE MÁRIO CESARINY

para Cruzeiro Seixas [telegrama (27/3/1947); 8/4/1963; telegrama (4/10/1965); telegrama (21/6/1966); 26/6/1972; 3/10/1972; 6/11/1977], espólio Cruzeiro Seixas (N38/cx. 7 e 8), BNP.

para António Paulo Tomaz [duas cartas; s.d. (1946?); 30/1/1949], espólio Cruzeiro Seixas (N38/cx. 7 e 8), BNP.

para Simon Watson Taylor [Nov. 1950; folha manuscrita], espólio Mário-Henrique Leiria (E22/118), BNP.

para Eugénio de Andrade [11/11/1951; a propósito da publicação do livro *As Palavras Interitias*, carta acusatória de plágio; teve resposta de Eugénio de Andrade a 25/11/1951], espólio Adolfo Casais Monteiro (E15/2276), BNP.

para João Gaspar Simões [26/6/1952; «Carta-Manifesto a propósito de dois artigos de João Gaspar Simões sobre *Sete Poemas de Solenidade e Um Requiem de Carlos Eurico da Costa*»; assinada por Mário Cesariy Vasconcelos, Artur Cruzeiro Seixas, Carlos Eurico da Costa e Henrique Risques Pereira; dactilografada, 8 pp.], espólio Luis Amaro (N5/9303), BNP.

para João Palma-Ferreira [quatro cartas, 9/10/1958 a 2/1/1976], espólio João Palma-Ferreira (N2/318-321), BNP.

para a Sociedade Portuguesa de Escritores [2/4/1962; assinada também por Ernesto Sampaio e Virgílio Martinho; a propósito dos prémios literários; dactilografada, 1 pp.], espólio Luis Amaro (N5/9409), BNP.

para Ana Hatherly [13 cartas; 12/1/1969 a Julho de 1974], espólio Ana Hatherly (N57/cxs. 5 e 7), BNP.

para Manuel S. Lourenço [quatro cartas; 6/12/1977 a Abril de 1978], espólio M. S. Lourenço (E62/539-543), BNP.